

# O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES PARTICULA-  
RES: 80 RS. POR LINHA

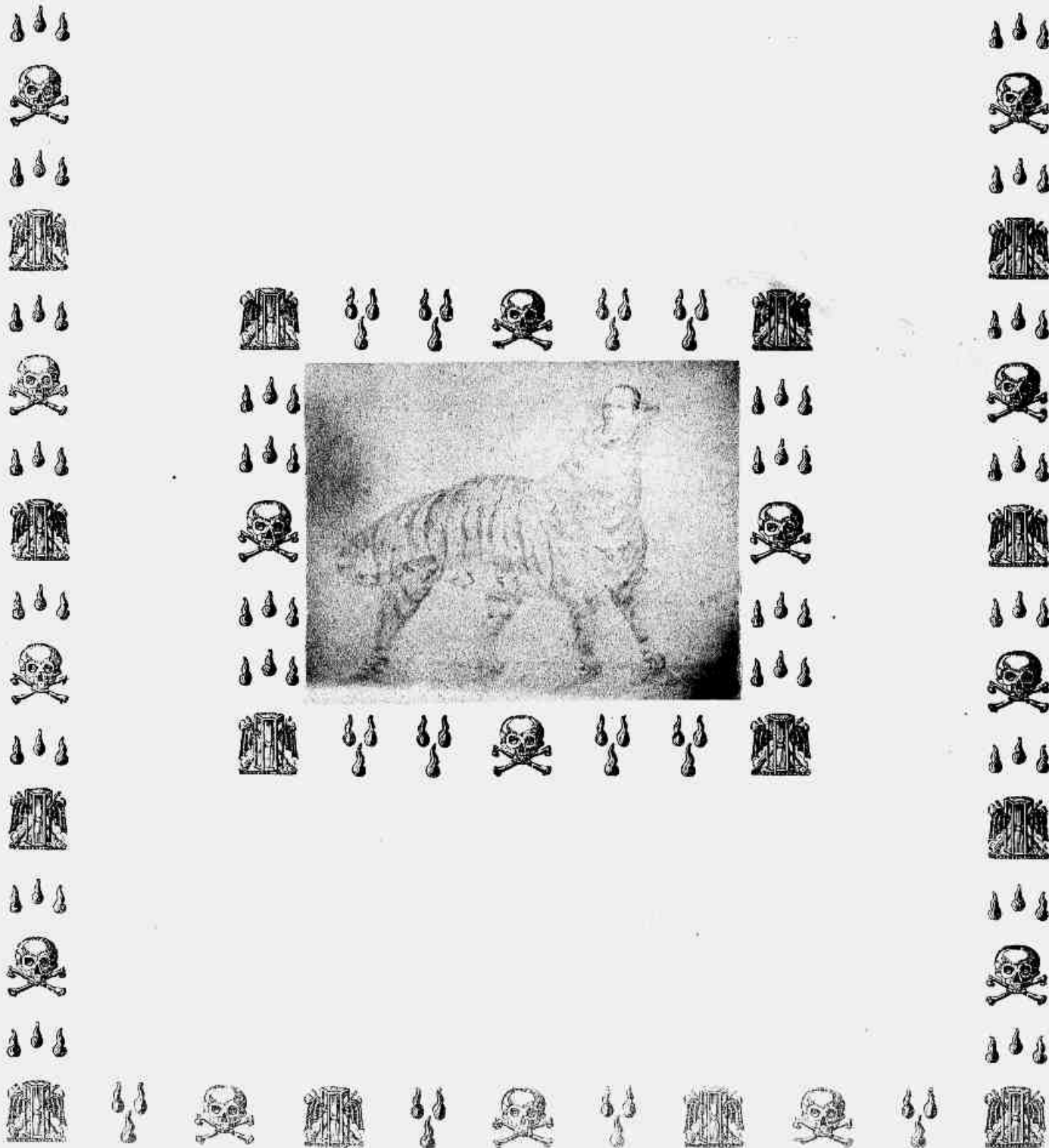
PUBLICA-SE SEMANALMENTE.

PREÇO DA ASSIGNATU-  
RA: 1\$000 MENSUAES.

Anno I.

Fortaleza — Sexta-feira, 22 de Fevereiro de 1878.

N. 34



MANCHADO

## O TIGRE REAL.

O tigre real, tem quasi o tamanho do leão, mas é mais esbelto e mais comprido; tem a cabeça redonda; a sua pelle é de um louro vivo marchetado transversalmente com listas negras, e não tem juba. E' o soberano do mundo animal da Asia oriental e meridional, e é de todas as feras a mais terrivel e sanguinaria. Os naturalistas attribuem-lhe a desappareição dos camelos e cavallos selvagens das steppes da Asia, e em geral o desaparecimento da fauna d'estas regiões. A sua patria é o sul da Asia, principalmente as grandes florestas da India oriental; encontra-se todavia no norte até as margens dos rios Obi e Lana, e no occidente até ao Caucaso. A sua força indomavel faz d'elle o terror dos homens. Arroja-se de improviso sobre os camelos, os touros e os homens; não teme nem o numero nem a superioridade dos adversarios. E' uma das feras mais valentes e audazes. Quando o tigre está farto é muito cobarde e não ataca aos homens. As feridas que elle faz são quasi todas mortaes, porque são muito profundas e difficeis de curar.

Os tigres pequenos são susceptiveis de alguma educação e podem ser domesticados; porém nunca mostram a nobreza, a independencia do leão; conservam-se hypocritas e servís, á maneira dos gatos; algumas vezes habituam-se, como o leão, á companhia dos cães.

(Da *Historia Natural*.)

## O RETIRANTE.

FORTALEZA, 22 DE FEVEREIRO DE 1878.

Tolerae, leitores, a virulencia da nossa linguagem: desculpa o excesso de nossa franqueza: hoje tudo é desculpavel...

Todo aquelle que sente pulsar no peito um coração nobre, humanitario e generoso deve extasiar-se de satisfação e boiar á tona de um mar de gosos.

Cabio o presidente verdugo e cabio como um infame... tombou para o occaso do nada, para não mais erguer-se, palido e desfigurado como uma bacchante n'uma noite de orgia!...

Para as carunchosas paginas da velha historia, que é a photographia dos tempos idos, passou o nome de um scelerato, verdadeiro flagicio da humanidade e que ha fingido de infamia a nossa cadeira presidencial; que rio-se sobre as ultimas convulsões de milhares de cearenses agonisantes; que foi o maior propagador e auxiliar da prostituição:—o mais tyranno e algoz de um povo de cordeiros!! Chama-se esta peste nauseabunda—este corvo dos cearenses—*João José Ferreira de Aguiar!!*

Pernambuco, patria dos heróes, envergonhae-vos, por que dizem, que aquelle monstro abjecto, o caudilho assassino é vosso filho!

Regosijae-vos cearenses e cantae hosanas ao Deus das alturas, por que não mais sugará o vosso sangue a vil hyena, mandada pelo Sr. Cotegipe, o tigre famelico que á nossa primeira pagina fica estampado.

Não podiamos deixar de photographar o malvado thug dos nossos patricios, sem incorreremos n'uma grande censura.

Ahi fica elle pois, com as suas formidandas patas com que ha massacrado milhares de esqueletos famintos; suas garras sanguinolentas cravadas innumeras vezes na garganta popular; no seu olhar baciado vê-se a phosphorecencia sinistra e letifica da fera, quando, traiçoeiramente, agachasse, ergue a cauda alegremente, para lançar o bote certo sobre a incauta presa e estrangula-a; a sua encanecida cabeça que só devia inspirar respeito como o impunham as velhas cabeças spartanas; o seu rosto descarnado e esqualido que devia inspirar compaixão—inspiram tão somente—asco, horror, tedio e repugnancia!!..... Pela casca se conhece o pão.

Fica, pois, o nosso triste heróe ahi photographado e á mercê da execração publica!

Escolhemos para engastar a cabeça do *sympatric* da *Constituição*, do abutre d'este povo, de preferença á panthera—o tigre, por ser este um animal desbriado, cobarde, hypocrita e servil!

Avante, povo, erguei hosanas mil aos céos por ter sido expurgado d'entre vós o vosso algoz, o flagello d'esta provincia, o presidente mercenario—o sombrio assassino de vossos paes, esposas, mães e filhos, pequenas creancinhas, e o protector de milhares da Lovelaces e D. Juans!

Hosanas!

## Consummatum est!

Já não é presidente do Ceará o execrando—João José Ferreira de Aguiar!

Por decreto de 9 do corrente foi o *illustrado* conselheiro exonerado d'este espinhoso cargo, sendo substituido pelo nosso comprovinciano Dr. José Julio de Albuquerque Barros.

Durante quasi tres mezes que S. Exe., desgraçadamente, governou esta provincia, digna por certo de melhor sorte, nada mais fez do que associar-se a meia dúzia de vis especuladores que, infelizmente, existem entre nós, mas que apesar de propalarem-se *patriotas e humanitarios*, tornam-se bem conhecidos pelas suas luvas de pelica e fardas agaloadas...

Não satisfeito ainda com isto, constituiu-se socio commanditario de uma infame *cotegipada livramentina* que fez levantar em Pernambuco, assassinando assim, vil e miseravelmente o commercio do Ceará, que hoje cebre de maldição aquelles, que, para adquirirem fortuna não trepidaram em calcar á pés a sorte de tantas victimas.

S. Exe. retira-se d'esta provincia com a sua farda salpicada de sangue cearense e a consciencia cheia de ramorsos pelos innumeros assassinatos, que á fome commetteu durante seu curto e nefando reinado.

Renunciando o Sr. Barão de Ibiapaba a assumir as redes da administração na qualidade de 1.º vice-presidente, e achando-se ausente o 2.º, o Sr. Aguiar acaba de passal-a ao 3.º, Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca.

A noticia da exoneração de S. Exe. foi recebida com geral satisfação, e até a propria natureza, que ha 21 mezes nos era contraria,—chorou de prazer e contentamento: abriram-se as cerradas cataractas do céu!

O *Retirante*, associando-se ás justas manifestações publicas, saúda a provincia, ao commercio e ao povo cearense por tão faustoso acontecimento.

Hosanas! Hosanas!!

## A PEDIDO.

## Quem sou eu.

Sou uma fera sedenta  
Que o vulgo chama—Aguiar;  
Tenho o corpo de jaguar  
E cara de homem *sensível*.  
Sou monstrengo e dos cadáveres  
Ao bom cheiro incho as narinas;  
Mas faltam presas lupinas  
E o aspecto airoso, horrível.

Por outro lado—melhor  
Foi doar-me a natureza  
Este gesto que a fereza  
Disfarça dos máos instinctos:  
D'est'arte, quando me aprez,  
Por estas faces rugosas  
Descem gottas mentirosas  
Que valém pão aos famintos.

De mais o perfeito tigre  
Exposto dorme ao relento;  
Mas eu (ah!), en tenho assento  
N'um palacio e mil respeitos,  
Mil disvelos delicados,  
Raros embora os que os rendem  
As avessas dos que vendem  
Por alto preço os seus preitos.

Entretanto ou seja manha  
Ou bondade o que elle sente,  
Este povo é paciente,  
Qual manso, lanoso gado  
E tanto que envelhecido  
Por bicho tal como eu,  
Nem de vergonha morreu,  
Nem bradou:—Fôra o malvado!

Da fatal calamidade  
Associei-me á crueza,  
E d'esta vil natureza  
Fartei, a mais não poder,  
O gosto de devastar.  
A fome, a deportação  
Co'a socia prostituição  
Deram-me *gaudio* a valer.

Agora parto e convicto  
Que hyena, lobo ou jaguar  
Aqui podem governar.  
Podem o povo extinguir  
Sem temer que a voz levante  
Esta gente mal fadada  
Esta gente abençoada  
Que em paz me deixa partir.

## Retrato do Sr. Aguiar, o miseravel assassino do povo cearense.

## I.

Eil-o no inferno vestido em grande gala,  
A posse do reinado o vice-rei tomou,  
Mas antes de sentar-se no throno encandecente,  
Com toda caxemonia, Satan o retratou;

Vestio elle calças vermelhas apertadas,  
Jaleco de veludo da cor de urucú,  
Botas verde claro, occultam o pé de cabra,  
Chapéu armado em forma de azas de urubú.

O throno era de ossos, em cima de caveiras,  
E feito inda de ossos estava esta inscripção:  
—Maldito sejas tu por toda eternidade,  
As victimas tuas podem eterna maldição.

E no som de mil gemidos, rouquinhos fatigados,  
Cavernosa voz s'ouvia dizendo—quero pão,  
Vagidos de creança, de fome amortecidos,  
Gritos, desespero, eterna confusão.

## II.

Chegou a hora aprasada,  
P'ra função principiar,  
Cantava a *leviandade*  
Vamos ver se retratar,  
O vice rei do inferno,  
O Ferreira de Aguiar,  
Qu' encarregou-se na terra  
De um povo assassinar.

Satan em pé junto a tóla,  
Traz o pincel *corrupção*,  
E pede tu, *despotismo*,  
A *infamia* negro carvão !  
Vinde sombras errantes,  
As cores as mais frizantes  
Sobre a tóla derramar,  
E vem tu *vicio* nefando,  
A cara vil esboçar.

Traz a lama das latrinas,  
A podridão d'hospitais,  
Vae depressa traz o lixo  
Do pego das saturnaes,  
E vem tu *perversidade*,  
Traz a *intriga*, a *maldade*,  
P'ra primeira sombra dar.  
Em quanto o roubo, a *má fé*,  
O furto, a *deshonra*, em pé  
Estejam p'ra m'ajudar.

N'um canto em mil caretas  
Estava a *descaração*,  
Ouvindo sorrindo as petas  
Do *cynismo* seu irmão.  
E a *mentira* de casaca,  
Cassuaya do *bigode*  
Do Ferreira de Aguiar.  
E perguntava baixinho,  
Ao *estupro* seu visinho  
Que tal é o Calabar.

Chegou o coxo diabo,  
Junto da tóla e sorriu,  
E rabiscada de mestre,  
Para dar elle pediu.  
Quero a bocca cavernosa,  
Immunda, feia, asquerosa,  
Com todo mimo traçar.  
Venha a baba das serpentes,  
Dos reptis mais indecentes  
Para poder pincelar.

A *indecencia* de roupão,  
Para frente se chegou  
E na cara da *infamia*,  
Seu pincel tambem molhou.  
D'um traço fez os sobrolhos,  
Deu mais outro fez os olhos,  
Pequeninos de velhaco,  
N'um canto ria o *cynismo*  
Ah ! por ver que *strabismo*  
Tinha um olho do retrato.

Bateu palmas a *inveja*,  
Entrou pizando faceira,  
A' Satan pediu licença  
P'ra pintar a cabeleira,  
E na bocca da *deshonra*,  
P'ra lhe dar tamanha honra,  
Foi sua tinta tirar.  
Deu-lhe cõr agrisalhada,  
Fez borrões, esma pastada,  
Depois de tudo horrar.

Cantemos agora, pequenos diabos  
Gritava a orgia, de vinho a cahir;  
Pintaram os pintores a cara do rei,  
Os olhos piscando, a bocca á sorrir.

Enfatuado e sizudo,  
Teve ingresso o *galvanismo*,  
E algumas palavras disse  
Ao ouvido do *cynismo*.  
Seguiu depois para tóla,  
E tambem uma esparrella  
Na cara do rei foi dar,  
Fez-lhe barbas de chinello,  
Como as d'um polichinello,  
Que em Paris viu dansar.

Agora Senhores, findou-se o retrato,  
Gritou Satanaz, contente, a sorrir.  
Podeis retirar-vos meus caros pintores,  
O rei agradece, o vosso servir.

### Despedida do Sr. Aguiar.

#### I

Porca canalha que andas na rua,  
Chegou a hora, apresentae-vos toda,  
Bem reverente, comprimentae o monstro  
Que acaba agora de apeiar-se rindo  
De um throno feito de ossada humana  
Traga, vos peço, como premio ao *merito*,  
Grande grinalda de capim bem verde  
Na fronte deitem do bestial sendeiro.  
E tu oh fome que de braço dado  
Com a miseria pela rua andaste  
Chorae, o vosso protector infame  
Cabiu p'ra sempre no paul do crime,  
Talvez p'ra nunca se erguer mais, juro,  
Se a negra tumba o espera ha muito.

#### II

Tremei perverso, corrompido velho,  
Ah ! n'esta idade em que a morte é certa,  
Vil profanaste tuas barbas brancas.  
No sangue quente de milhares d'homens  
Que p'ra salvar-os enviado foste.  
Tremei infame, quando um dia fores,  
Enfermo em leito de agonias lentas,  
E que ouvires o gemer das victimas  
Que immolaste como algoz sem dó.  
Mas este povo que succumbe á fome,  
Não póde o braço descarregar de ferro  
Sobre esta fronte deshumana e vil,  
Porém a lama das latrinas podre  
Lançar na cara do verdugo atroz  
Em recompensa d'um cruel governo,  
Em desagravo de tamanha offensa

Tremei infame, e o que dirá um dia,  
Quando encontrares nos bordeis perdidas,  
Vendendo o corpo, estas virgens d'hoje,  
Que pela fome obrigadas são,  
A cahir de chofre no immundo alcouce !  
Se te accuza rem, como seu verdugo,  
O que dirás deshumano velho,  
Talvez lhes dê uma rizada fria,  
Como a que agora em resposta têm,  
Os que á fome perecendo pedem  
Uma migalha pelo amor de Deus.  
Nem um momento d'arrependimento ao menos,  
Tem este Nero, coração de pedra,  
Vil consciencia, calejada, ingrata,  
Alma perdida na tremenda noite  
De crime, infamia, corrupção e vicio.

### III

Ide canalha, a mais vil relé,  
Marcae a vibora com o ferrete negro,  
A mais corrupta que imaginar se possa.  
As cões que ornão a maldicta fronte  
Lancae á lama a mais podre, immunda  
Que é pouco ainda, e de mais é digna....

### Soneto

Mil embozas, João—*renome eterno*  
N'este bom Ceará tens conquistado.  
Entrouza agora, vae-te, e mais folgado,  
Bemdize a secca, que te trouxe *inverno*.

Sobre alto pedestal d'ossos formado  
Os evos te verão, Nero moderno,  
Por harpa, desprendendo accento teruo  
Do grato birimbão, (\*) dos teus legado.

Cotegipe, Masset e Januario,  
Commandita fatal, que engano ou rixa  
Inspirou-te da morte este operario ? !

Produção da maldade ou fosse *espicha*,  
Cá nos veio aggravar nosso fadario  
O monstro, o sem pudor—pelle de lixa.

### Motte.

Breve a hyena se vae  
Para o seu tremendo algar.  
O vice-rei de Satan  
Vae o seu antro habitar.

### Glosa.

Ceará todo exultae !  
Escrevei no livro d'ouro  
Da historia—vosso thesouro:  
*Breve a hyena se vae.*  
Altisonante bradae :  
Findo é todo o meu pezar,  
Pois se retira o jnguar,  
O Aguiar execrando,  
Este monstro miserando,  
*Para o seu tremendo algar.*

Intercedei com afan  
Ao vosso Deus Eterno  
Que mande já ao inferno  
*O vice-rei de Satan.*  
Surja ridente manhá  
Após tamanho penar !  
Que o maldicto Aguiar,  
—Est'abutre sanguinario,  
—Este velho sedentario,  
*Vae o seu antro habitar.*

(\*) Instrumento feito de um arco de pão e  
uma corda de arame, na qual os africanos to-  
cam batendo com um ponteiro.